



Trabalho 149

CATETERES URINÁRIOS UTILIZADOS POR PACIENTES PORTADORES DE BEXIGA NEUROGÊNICA.

Mateus¹
Flavia¹
Beatriz³
Carol⁴
Cintia⁵

Introdução: O cateterismo urinário intermitente é m tratamento eficaz no tratamento da bexiga neurogênica. **Objetivo:** caracterizar os cateteres utilizados pelos pacientes portadores de bexiga neurogênica em um centro de reabilitação. **Metodologia:** Estudo realizado junto aos pacientes portadores de bexiga neurogênica, do centro de reabilitação de um hospital universitário, maiores de 18 anos, usuárias do cateterismo urinário intermitente. Estudo autorizado pelo Comitê de Ética da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da USP (Parecer 146/2012). Dados coletados por entrevista, durante consulta de enfermagem, com apoio de instrumento pré-elaborado. **Resultados:** Dentre 208 (100,0%) pacientes cadastrados, a maioria utiliza passou a utilizar o cateter urinário nos últimos 4 anos, mas alguns relatam o tratamento a cerca de 30 anos. A maior parte realiza o procedimento sozinho. Quanto ao cateter 26 (12,5%) utilizam o cateter de vidro, 1(0,5%) o cateter descartável lubrificado e o restante o 181 (87,0%) cateter de polietileno/pvc. Alguns reutilizam o cateter de pvc descartável. Quando questionados sobre a existência de sensibilidade na passagem do cateter 81 (38,9%) pacientes informam sensibilidade presente. Utilizam como lubrificante lidocaína a 2%. **Conclusão:** para a prevenção de traumas e aumento da segurança do paciente é importante o uso de cateteres urinários lubrificados e descartáveis. **Implicações para o trabalho de enfermagem:** cabe ao enfermeiro participar de políticas públicas que auxiliem a implantação do cateter urinário intermitente lubrificado.

Descritores: enfermagem; cateterismo urinário; bexiga neurogênica.

Eixo I: Cuidado de enfermagem na construção de uma sociedade sustentável.

11. Aluna de graduação do curso de Bacharelado e Licenciatura em Enfermagem da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto (EERP-USP);
2. Profa. Dra. da EERP-USP, Centro Colaborador da OMS para desenvolvimento da pesquisa em Enfermagem;
3. Mestranda da EERP-USP;
4. Aluna de graduação da EERP-USP; 5. Enfermeiro do Centro de Reabilitação do Hospital das Clínicas de Ribeirão Preto